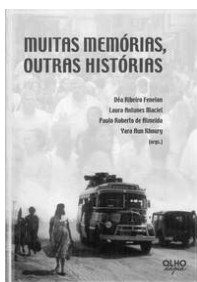


Memórias, histórias e o trabalho do historiador

Jiani Fernando Langaro
Mestre em História pela UFU



FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

Neste início de século XXI, significativas transformações estão em curso nas diversas sociedades do globo. Novos problemas, novas lutas e afirmações vão sendo constituídos pelos sujeitos no seu fazer-se em sociedade. Tal movimento acaba por abalar muitas de nossas certezas. Ser historiador em um mundo em transformação não é uma tarefa simples, principalmente no Brasil, um país marcado profundamente pelas diferenças e pela desigualdade, em que as tensões sociais alternam-se entre o explícito e o silêncio. Ao admitirmos que estamos no tempo e na sociedade, enquanto historiadores, é preciso assumir o dever de reavaliar procedimentos e métodos e linguagens com que trabalhamos. Enfrentar nossas inquietações é buscar alternativas e colocar nosso trabalho em diálogo com as sociedades que estudamos.

Para quem está disposto a refletir sobre tais problemas, a obra *Muitas memórias, outras histórias* contribui significativamente. O livro resulta do diálogo entre historiadores de diferentes instituições, reunidos por meio do PROCAD (Programa de Cooperação Acadêmica)¹. Nas reuniões promovidas pelo programa, os autores trocaram experiências, reavaliaram trajetórias de pesquisa e colocaram em um plano central o trato do historiador com as muitas memórias existentes no social.

O livro se inicia² com uma reavaliação das práticas de pesquisa em história social brasileira. Tratam, assim, das transformações ocorridas em uma produção acadêmica restrita ao estudo do movimento operário e que precisou ser transformada, em função da própria experiência social, com a emergência dos movimentos sociais em fins da década de 70. Uma mudança ocorrida não apenas em termos de questões estudadas, mas da necessidade de se compreender aquele momento, em contrapartida às noções de mudança social cristalizadas no discurso acadêmico. Apontam, assim, um pouco desse alargamento da noção de história, chegando atualmente à problematização das muitas *memórias* e *histórias* – preocupação que une os diferentes autores da obra – embora não abandonem seus interesses para com temas relacionados à cultura, cidade e trabalho. A busca por novos temas e novas metodologias de pesquisa, portanto, deu-se não como um fim em si, mas em função das novos problemas produzidos pelos sujeitos sociais em sua experiência.

Nesse caminho, a noção de sujeito também foi modificada, deixando de compreendê-lo como uma mera categoria acadêmica esboçada *a priori* na pesquisa ou como negativo, ao qual faltaria algo. Tratam sua consciência como a percepção das relações sociais e o ver-se nelas, não sendo necessariamente revolucionária. Procuram estabelecer um diálogo com as

¹ Programa viabilizado entre os anos 2000/2004, sob o comando da equipe líder da PUC/SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Entre os participantes, publicam seus artigos professores e alunos de pós-graduação da PUC-SP e docentes da UNESP-Assis (Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis-SP) e UFU (Universidade Federal de Uberlândia).

² FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloísa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. “Introdução: Muitas memórias, outras histórias”. In: FENELON et. all. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

peessoas, prestando atenção em sua cultura, compreendida como “todo um modo de vida” e nas formas pelas quais vão constituindo-se nas relações sociais, produzindo novas demandas e reivindicando direitos.

Ao reavaliar posturas acadêmicas, de acordo com Khoury, a atenção à cultura popular foi importante, no entanto, isso se deu “... considerando-a não algo à parte, em oposição a uma cultura dominante, mas o espaço da diferença e ambas constitutivas da mesma cultura, que é de todos.”³ Os autores procuram perceber, então, os processos de fazer e refazer dos diferentes grupos, cujos contornos não estão delimitados de maneira específica na sociedade. Entendem que as fronteiras não estão acima dos sujeitos, mas são construídas por eles, em seu dia-a-dia. Compreendem a tensão social, dessa forma, para além dos limites da luta de classes ou da oposição popular/erudito, percebendo, assim, as formas como os sujeitos vão constituindo-se enquanto grupo.

Refletindo sobre cultura e os diversos interesses e sentidos produzidos pelos sujeitos, os autores prestam atenção no papel desempenhado pelos sentidos do passado. Passaram a explorar, então, as dimensões políticas da memória, pois, segundo o Grupo Memória Popular “... todos os programas políticos envolvem tanto uma construção do passado quanto do futuro...”⁴.

Segundo os autores da obra, existem *muitas memórias* em disputa no social, da qual as diferentes versões do passado concorrem de maneira desigual. O passado é tratado não como “aquilo que ocorreu”, mas como um instrumento de poder. Essa disputa, no entanto, não se refere a um conflito entre uma memória popular ou dos trabalhadores que se oponha às versões dominantes no espaço público. Mesmo no popular, as diferentes memórias encontram-se em disputa, enquanto que uma memória dominante precisa reconstruir-se em função das versões alternativas que enfrenta.

Os autores consideram a historiografia também como produtora de memórias, responsável tanto pelo silenciamento como pela visibilidade de sujeitos e processos sociais. Pensar em muitas memórias requer então refletir sobre os procedimentos do historiador. Sendo assim, negam que tal função seja *o estudo do passado* e propõem uma inversão: *a relação “presente-passado”*, partindo-se de inquietações presentes em seu tempo, para problematizá-las em uma perspectiva histórica. Ao historiador, cabe assumir-se como sujeito da pesquisa, a partir de seu lugar social e das motivações que o levaram a pesquisar. Escrever história, dentro dessa proposta, requer também uma postura política, um compromisso social, defendido pelos autores e representado na defesa de um projeto de futuro melhor. Isso requer comprometer-se ao diálogo com as pessoas, a partir de sua cultura e experiência social.

Dessa forma, os diferentes trabalhos integrantes da obra passam a não tratar apenas “História” como um movimento único, autorizado pelo trabalho acadêmico. Admitindo-se o estudo de maneiras de viver e muitas memórias, percebendo que nem todos em uma sociedade seguem na mesma direção e comprometendo-se com os dissidentes e demais vozes destoantes, os autores passam a tratar também de *muitas histórias*.

De uma maneira geral, pode-se afirmar que o trabalho está dividido em duas partes: o primeiro, relacionado ao trabalho com imprensa, fotografia e literatura, e um segundo em que as atenções concentram-se nas fontes orais. Um ponto comum entre os autores do primeiro conjunto de trabalhos é perceber as formas como esses materiais organizam um discurso no sentido de instituir memórias.

Assim sendo, no artigo “Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920, Maciel⁵ compreende o jornal como expressão de relações sociais. Estudando as implicações sociais na produção de notícias, não trata esse material como mera expressão de acontecimentos “verídicos” ou apenas como “discurso”. A relação entre telégrafo e imprensa constitui-se como parte de suas preocupações, sendo considerada por ela como um fator de mudança em uma imprensa que privilegiava a expressão de opiniões, por meio dos artigos publicados, para outra que, inspirada na lingua-

³ KHOURY, Yara. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”. In: Idem. p. 119.

⁴ Grupo memória popular. “Memória popular: teoria, política, método”. In: Idem. p. 287.

⁵ MACIEL, Laura Antunes. “Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920”. In: Idem.

gem telegráfica, passou a apresentar um discurso em tons “objetivos” na busca pelo convencimento do leitor.

É significativo também o trabalho de Barbosa⁶, em que a autora parte de um conjunto de fotografias de pessoas famintas encontrado por ela no Museu Dom José de Sobral (CE). Recompõe, então, a trajetória dessas imagens, bem como sua reprodução em gravuras pela imprensa carioca no final da década de 70 do século XIX. A autora, então, trabalha a fonte fotográfica no intuito de perceber seu uso social, ao mesmo tempo em que busca desvelar as memórias que ajudaram a instituir. Conforme argumenta, essa articulação entre o texto escrito da imprensa e o texto imagético das fotografias fizeram parte da produção de uma memória que associa o sertão, em especial o Ceará, à fome. Constituído-se em “lugar comum”, tal memória homogênea e reduz as vidas dos sertanejos à imagem de famintos.

Em seu estudo sobre a desativação da Estrada de Ferro Leopoldina e da política ferroviária brasileira, Paula⁷ emprega o uso de diferentes fontes, a partir das quais estuda as muitas memórias desse projeto. A literatura, por sua vez, é utilizada no estudo da produção do esquecimento das ferrovias brasileiras. As obras, de acordo com a autora, evocam memórias e, no caso da literatura brasileira, acabam por congelar o trem à representação de um tempo que não existe mais, não sendo tratado como veículo de transporte de pessoas.

Um segundo momento do livro dedica-se a trabalhos com fontes orais. Conforme aponta Khoury⁸ tal recurso possibilita uma aproximação maior aos modos como as pessoas vivem e interpretam os processos sociais. Compreendendo o depoimento oral como diálogo, a autora preocupa-se com as formas pelas quais ele se dará, uma vez que narrador e pesquisador falam de lugares sociais e temporalidades diferenciadas. Aponta também sua preocupação para com o texto final, de como o historiador pode produzi-lo sem ser autoritário, elaborando um texto de “múltiplas vozes”⁹ em que as pessoas da pesquisa possam ver-se, sem que ao mesmo tempo tenham suas narrativas tratadas de maneira acrítica.

Pensado nessas e outras questões referentes à história oral, Oliveira¹⁰ analisa seu caminho de pesquisa. Aponta que inicialmente buscava entre moradores do sertão do Ceará, narrativas de contadores de histórias de assombração. No trabalho de campo, porém, foi angustiante para ela não conseguir um registro satisfatório de tais histórias, devido à negação de sua existência por parte das pessoas contatadas na pesquisa. Como a autora mesma reconhece, no decorrer do trabalho acabou incorporando um tipo idealizado de sertanejo, que afinal não existia. No lugar de encontrar as histórias de assombração, deparou-se com o modo de vida em transformação daquelas pessoas, em que se destacava principalmente o cercamento das fazendas e caminhos outrora percorridos por eles, o contato maior com a cidade e os meios de comunicação, bem como algo novo para aquela população: a aposentadoria.

A autora passou, então, a trabalhar tais narrativas compreendendo as mudanças vivenciadas por aqueles sujeitos e como tais mudanças influenciaram na prática de *contação* de histórias, com o seu progressivo abandono. Segundo Oliveira, um “olhar político”, como expresso por Beatriz Sarlo¹¹ e assumido pelos autores, requer o diálogo com vozes dissidentes e a capacidade de ouvir aquilo que não gostaria.

O livro também toca em temas como trabalho e cidade, centrais em toda a obra, porém trabalhados mais intensamente em alguns artigos. De uma maneira geral, *trabalho* é compreendido como constitutivo da vida dos trabalhadores, não sendo apenas uma função desempenhada. Por *cidade*, toma-se não apenas o estudo de práticas de “planejamento urbano”, mas os viveres e significados constituídos pelas pessoas *na* e *sobre a* cidade.

⁶ BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. “Os famintos do Ceará”. In: Idem.

⁷ PAULA, Dilma Andrade de. “O futuro traído pelo passado: a produção do esquecimento sobre as ferrovias brasileiras”. In: Idem.

⁸ KHOURY. Op. cit. p. 117.

⁹ Idem. p. 137.

¹⁰ OLIVEIRA, Regina Ilka Vieira. “Tempos e memórias. Caminhos para o sertanejo: quem conta histórias?”. In: FENELON et al. (orgs.). op. cit.

¹¹ Trata-se de: SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Edusp, 1997.

Nesse sentido, Almeida¹² estuda como trabalhadores que vivem em assentamentos de movimentos pela reforma agrária percebem a cidade de Uberlândia, onde viveram alguns anos antes. Conforme destaca o autor, o trabalho com fontes orais colocou a necessidade de se repensar certos conceitos cristalizados no discurso acadêmico. Aponta, assim, para a própria noção de coletivo, que segundo o autor, no estudo de movimentos sociais, muitas vezes acabava por homogeneizar diferentes visões de mundo.

Calvo¹³, por sua vez, trata das muitas memórias de Uberlândia, a partir das narrativas de pessoas que viviam e moravam na cidade. Conforme argumenta, busca as diversas maneiras como essas pessoas viveram e relatam as transformações no espaço urbano. A cidade emerge como territórios e significados constituídos pelas pessoas em seu *viver a cidade*, tendo como referência não somente os grandes marcos de “desenvolvimento” local, mas principalmente seus lugares de viver e trabalhar em Uberlândia.

Outro trabalho, de Cardoso¹⁴, também tem *cidade* como uma de suas preocupações. A partir de um episódio ocorrido durante a construção de Brasília, em 1959, o “Massacre da GEB”¹⁵, a autora estuda as muitas memórias em disputa no local. Trabalha versões que edificam Brasília como símbolo da modernidade, como nas narrativas de Oscar Niemeyer e Lucio Costa. Contudo, afirma que essa não é a única história daquela cidade e a partir de narrativas orais produzidas no projeto “Memória da Construção de Brasília”, realizado pelo Arquivo Público do Distrito Federal nas décadas de 1980 e 1990, dialoga com narrativas de candangos, trabalhadores pobres que migraram para trabalhar na cidade em construção. Apesar de esses trabalhadores terem em comum o colocar-se como sujeitos da cidade de Brasília, Cardoso encontra um conjunto diverso de versões sobre o passado. Suas memórias, então, não formam um bloco em oposição às memórias dominantes, mas se constituem em relação a elas.

Em comum, esses e os demais autores cujas contribuições para a obra não puderam ser destacadas aqui, tratam as próprias narrativas, sejam elas orais ou não, como *fato*. Não as tratam, portanto, como um filtro dos eventos ocorridos, compreendendo o próprio ato de narrar como uma intervenção criativa na realidade social. A organização da fala no depoimento, portanto, é o dado social estudado pelos autores.

Em sua finalização, o livro traz ainda a tradução de dois artigos, inéditos no Brasil e que também colaboraram com as reflexões dos autores. Trata-se de “Memória popular: teoria, política, método” do Grupo Memória Popular, e de “O momento da minha vida: funções do tempo na história oral”, de Alessandro Portelli. No primeiro artigo, o grupo esboça seu projeto de estudo da memória popular, afirmando ser este político, tendo como central o diálogo com as diferentes versões do passado existentes no popular. No segundo, Portelli discute as diferentes noções de tempo que as pessoas possuem, as quais fazem-se presentes no trabalho com história oral. O autor apresenta, assim, os limites de esquemas teóricos que dividem o tempo histórico de maneira externa aos sujeitos.

De uma maneira geral, a obra toda traz uma diversidade de trabalhos, abordando temas diferenciados, mas tendo em comum a preocupação com a produção social da memória. Traz, também, muitas contribuições para o debate em torno do estudo da história social. Suas reflexões certamente são muito úteis para quem desenvolve ou está pensando em desenvolver pesquisa em história. Não me refiro no sentido do livro tornar-se um modelo, mas de apresentar questões que podem nos auxiliar na compreensão do social, em sua perspectiva histórica.

Para finalizar, posso afirmar que a obra é uma leitura gratificante, por apresentar trabalhos comprometidos com o diálogo com as pessoas, respeitando sua cultura, mas apresentando grande vitalidade crítica. Isso é ainda mais importante em nosso tempo, quando muitos historiadores cedem a certos modismos e buscam valores comerciais para seus trabalhos. *Muitas memórias, outras histórias* certamente é uma publicação cujo interesse

¹² ALMEIDA, Paulo Roberto. “Encantos e desencantos da cidade: trajetórias, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970-2000”. In: FENELON et al. (orgs.). op. cit.

¹³ CALVO, Célia Rocha. “Muitas memórias, outras histórias de uma cidade: Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia”. In: Idem.

¹⁴ CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. “Memórias de um trauma: o massacre da GEB (Brasília – 1959)”. In: Idem.

¹⁵ A sigla significa *Guarda Especial de Brasília*. Criada em 1958, possuía função repressora durante o período de construção da nova capital federal, de acordo com: Idem. p. 180.

reside na aproximação de nós, historiadores, com a tão complexa sociedade em que vivemos, principalmente por meio da capacidade de ouvir aqueles excluídos, cujas histórias muitas vezes são silenciadas. Trata-se do estudo do presente-passado a partir do compromisso com a busca por um futuro melhor.